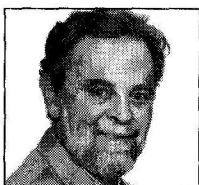


# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## Drácula vegetariano

• “Quando me associei ao conde Drácula pensava que ele era vegetariano. Só se descobriu que assaltava o banco de sangue um ano depois”. Foi o equivalente a isso a justificativa do senador Jader Barbalho para a sociedade com o megafraudador da Sudam, José Osmar Borges, tendo como representante, a chamada laranja, sua futura mulher, Maria Cristina, que entrou com R\$ 207.

Quem acredita na ignorância e na ingenuidade de Jader a respeito de sócio, quando era ex-governador do Pará, senador e sempre patrono dos altos dirigentes da Sudam, pode pegar o seu diploma de crédulo com o senador José Alencar, mineiro do PMDB. Ele diz que, por ser profundamente cristão, não pode condenar ninguém sem que a culpa seja provada. Diz que Jesus recomendou no Sermão da Montanha: “Não julgueis”. E comprova sua fidelidade ao Evangelho mostrando uma linda Bíblia, com seu nome na capa, que ganhou da senadora Marina Silva. Diz:

— Foi o melhor presente que recebi desde que cheguei ao Senado.

No discurso de defesa, segunda-feira, Jader justificou ter feito um contrato de gaveta com Borges porque estava em processo de separação da primeira mulher, a deputada Elcione Barbalho. Disse isso como se esconder da mulher patrimônio num processo de divórcio fosse a coisa mais natural e honrada do mundo. Ninguém comentou esse revelador traço de caráter, nem sequer nas conversas de corredor. Tampouco houve quem observasse que contratos de gaveta só se fazem entre pessoas íntimas, que confiam umas nas outras, como Jader e seu sócio, José Osmar Borges.

A tática de defesa de Jader não é contestar fatos com outros fatos. Foge ao fático por considerá-lo terreno movediço. Prefere ampliar as denúncias, ciente de que quem tudo quer apurar não apura nada. Antes de assinar teatralmente o pedido da CPI da Corrupção, exigiu que nele se inscrevessem casos a serem investigados na Bahia, por acreditar que atingem Antonio Carlos Magalhães. Assinou e passou a articular a recusa de assinatura dos senadores do partido que preside, o PMDB. Agora, diante das investigações das falcatruas na Sudam, que já resultaram na prisão de 16 pessoas até que um habeas-corpus salvador as libere, como no caso do empresário e ex-senador Luiz Estevão, anuncia que os maiores ladrões não estão em Belém, mas nas vizinhanças da Avenida Paulista. O objetivo dessa denúncia, aliás vazia, por não ter mencionado nomes, é espalhar suspeitas e buscar o apoio de empresários do Centro-Sul que acaso se tenham beneficiado de renúncias fiscais irregulares. Diz-se, em lin-

guagem popular, que jogou lama no ventilador.

Mas justificar a operação de compra da Fazenda do Chão Preto, que, assegura, fica “cerca com cerca” com seu latifúndio de seis mil hectares da Fazenda Rio Branco, não explicou. Nem revelou com que lucros a Rio Branco obteve os R\$ 600 mil que disse ter gasto para incorporar às suas terras a propriedade pela qual José Osmar Borges declarou haver pago R\$ 1,7 milhão.

No fim do discurso, não houve aplausos nem comentários públicos. O deputado Arthur Virgílio, único líder do governo presente, saiu depressa, mas foi logo cercado pelos repórteres. Recusou-se a fazer juízos de valor e repetiu o presidente Fernando Henrique Cardoso, assegurando que nunca se investigou tanto a corrupção como agora. A mim, disse:

— Não se pode negar que é um grande parlamentar.

Arthur deve estar com a memória fraca. Jader é um expositor fluente, mas daí a ser um grande parlamentar vai um oceano. O senador Arthur Virgílio, pai do deputado, era também fluente e correto usuário da língua portuguesa, mas nunca foi considerado um grande orador, como o implacável Carlos Lacerda, o erudito metafórico Afonso Arinos ou o racional San Tiago Dantas, que silenciavam a Câmara quando subiam à tribuna, mesmo em dias tormentosos.

Resta buscar uma saída para Jader. O Senado não pode continuar a ser presidido por semelhante personagem sem grave dano à reputação da instituição. A população não tem a mesma blindagem estomacal dos parlamentares que o elegeram. Fernando Henrique parece acreditar que as acusações a Jader se esgotarão e, com o passar do tempo, serão esquecidas. Mas, como diz o jornalista Marcos Sá Corrêa, o estoque de acusações pode ser maior que a insensibilidade moral dos parlamentares do PMDB e do PSDB. Jader deixou um rastro de processos e investigações inconclusas por todos os lugares onde passou na vida pública: são caríssimas desapropriações pelo Incra de terras griladas, quando ministro, ou hospitais superfaturados construídos no Pará pelo Ministério da Previdência. É só abrir os arquivos que os fantasmas entrarão em marcha.

Um Drácula herbívoro é difícil de se engolir, mesmo em Brasília.